



## HISTÓRIA COMO MISSÃO<sup>1</sup>

**Resumo:** A historiadora Wlamyra Ribeiro de Albuquerque narra a sua trajetória acadêmica na graduação na Bahia e na pós-graduação na UFBA e na UNICAMP, entre o final do século XX e o início do XXI. Lembra suas experiências de mobilização negra e como isso forja suas escolhas e influências intelectuais. Aborda os impactos acadêmicos na historiografia contemporânea e o papel das intelectuais negras.

**Palavras-chaves:** Historiografia, história intelectual, pós-abolição e Wlamyra Ribeiro de Albuquerque

## THE ROLE OF THE HISTORIAN

**Abstract:** Wlamyra Ribeiro de Albuquerque narrates his academic trajectory in undergraduate studies in Bahia and in graduate studies at UFBA and UNICAMP, between the end of the 20th century and the beginning of the 21st. Highlighting their social experiences of black mobilization and how it forges their choices and intellectual influences. It addresses the academic impacts on contemporary historiography and the role of black intellectuals.

**Keywords:** Historiography, intellectual history, post-abolition and Wlamyra Ribeiro de Albuquerque

## EL PAPEL DEL HISTORIADOR

**Resumen:** Wlamyra Ribeiro de Albuquerque narra su trayectoria académica en estudios de pregrado en Bahía y en estudios de posgrado en UFBA y UNICAMP, entre fines del siglo XX y principios del XXI. Destacando sus experiencias sociales de la movilización negra y cómo esta forja sus elecciones e influencias intelectuales. Aborda los impactos académicos en la historiografía contemporánea y el papel de los intelectuales negros.

**Palabras-claves:** Historiografía, historia intelectual, post-abolición y Wlamyra Ribeiro de Albuquerque

## LE RÔLE DE L'HISTORIEN

**Résumé:** Wlamyra Ribeiro de Albuquerque raconte sa trajectoire académique dans les études de premier cycle à Bahia et dans les études supérieures à l'UFBA et à l'UNICAMP, entre la fin du 20e siècle et le début du 21e. Mettre en évidence leurs expériences sociales

---

<sup>1</sup> Entrevista, edição e organização de Stephane Ramos (doutoranda em História pela Universidade de Brasília, E-mail: [stephane.rcosta@gmail.com](mailto:stephane.rcosta@gmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5162-5970> ) e Flávio Gomes (professor da UFRJ e pesquisador do CNPq, Professor da UFRJ e pesquisador do CNPq. E-mail: [escravo@prolink.com.br](mailto:escravo@prolink.com.br) . ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2386-7040> )



de mobilisation des noirs et comment elle forge leurs choix et leurs influences intellectuelles. Il aborde les impacts académiques sur l'historiographie contemporaine et le rôle des intellectuels noirs.

**Mots clés:** Historiographie, histoire intellectuelle, post-abolition et Wlamyra Ribeiro de Albuquerque

### WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE

Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pesquisadora Produtividade CNPq. Em 1997 concluiu o Mestrado em História na UFBA com a dissertação “O civismo festivo dos baianos: comemorações da independência na Bahia (1889-1923)”. O seu Doutorado em História foi concluído em 2004 na UNICAMP com a tese: “A exaltação das diferenças: racialização, cultura e cidadania negra (Bahia, 1880-1900)”. Publicou “O Jogo da Dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil” (Companhia das Letras, 2009); “O Que há de África em nós”, (Moderna, 2013); “Uma História da Cultura Afro-Brasileira” (Moderna, 2009) e “Uma história do negro no Brasil” (Fundação Palmares, 2006, parceria com Walter Fraga Filho) e “Algazarra nas ruas: comemorações da independência na Bahia, 1889-1923” (Editora da Campinas, 1999). Também organizou as coletâneas “Da escravidão e da liberdade - processos, biografias e experiências da abolição e do pós-emancipação em perspectiva transnacional” (Fino Traço/UFRB, 2016); “Barganhas e Querelas da escravidão: tráfico, alforria e liberdade, Séc. XVIII-XIX”, (EDUFBA, 2014). Seus artigos aparecem em *Afro-Ásia* (CEAO-UFBA), *Estudos Afro-Asiáticos* (CEAA-UCAM), *História Social* (UNICAMP), *Humanas* (Feira de Santana), *PERSEU: História, Memória e Política*, *Revista Brasileira de História* (ONLINE), *Revista da Bahia*, *Revista História Hoje*, entre outros periódicos.

### DESVIANDO DA FÁBULA DO EMPODERAMENTO NEGRO

**Fale um pouco da sua origem familiar e trajetória até entrar na Universidade. Quais foram as primeiras referências familiares e extrafamiliares? Como foi a formação no primeiro e segundo grau?**



Obrigada por esta pergunta que se tornou recorrente em entrevistas com pessoas negras. Há algum tempo quero falar sobre isso. Toda vez que essa pergunta surge, percebo certa expectativa pela construção de intelectuais-referências, *personas* que caibam no enredo da superação das dificuldades impostas pelo racismo. Eu até entendo essa expectativa estando no campo minado em que vivemos. É a necessidade social da narrativa romântica, na qual o espectador toma lugar na sala de cinema sabendo que a heroína vai enfrentar dificuldades e injustiças antes do triunfo implacável, porque está predestinada a isso. Esse romantismo é tão balsâmico, reconfortante quanto falso e por isso me incomoda. Os “casos de sucesso” só escondem a vitalidade do sistema que sempre cria a ilusão de que é possível, graças à sua trajetória profissional, se esgueirar do peso do racismo. De modos e em níveis diferentes todas e todos nós somos marcadas pelo racismo e ninguém se livra dessas marcas porque viveu algum deslocamento social. No mundo capitalista alimentado pelo racismo, o empoderamento negro é uma fábula. Eu reluto em caber no papel “caso de sucesso”. Não acho possível ser bem-sucedida no mundo em que vivemos. Na melhor das hipóteses, temos redução de danos; somos bons negociadores-sobreviventes ao racismo, não acredito que alguém o tenha vencido.

O liberalismo tenta há séculos nos converter colecionando meias dúzias de “casos de sucesso”. É cilada.

Sim, venho da periferia de Salvador, mas, sinceramente, não sou uma heroína romântica e poderia ter feito outras coisas na vida, considerando a minha origem, tipo uma cozinheira talentosa ou maratonista. Temos mesmo é que pensar sobre as escritoras que nunca leremos porque só se empregaram como cozinheiras. Precisamos continuar indignados por todas as vidas perdidas e os talentos, em todas as áreas, que não vão se concretizar por conta do racismo. Talvez a polícia tenha matado hoje numa favela quem ia descobrir a cura do câncer. Talvez alguém genial esteja agora mesmo desistindo da escola.

Com isso quero dizer que não foi a pobreza que me forjou como historiadora. Foi o que eu fiz com o que (e quem) tinha e com o que faltava, tanto em termos familiares como materiais, que me forjou. E o que o eu fiz profissionalmente, e continuo fazendo, tem muito a ver com a minha relação com a literatura.

Acho que temos que começar a perguntar a autores negros: o que você lia na infância? Nem sempre pobreza significa falta de livros. Se assim o fosse, todo rico e branco seria culto. Por isso, penso que um dos itens da luta antirracista tem que ser



garantir o acesso das crianças e juventude negras à produção literária de qualidade. Isto é muito possível. Na minha opinião, assim como acontece com os autores não negros, o que lemos na infância nos molda intelectualmente.

E, sem pestanejar, te digo que, uma edição barata de *As mil e uma noites* com páginas enormes e ilustradas me fascinava. Tinha os romances de Agatha Christie, os *bestseller* escritos para mulheres, impressas em papel jornal e vendidos nas bancas de revista. Lembra dos livros do Sidney Sheldon? Li muitos! Era possível consumir essa literatura mesmo sendo pobre. Se você tinha dois ou três livros podia emprestar, trocar com as amigas ou nas bancas. Não havia títulos engajados na temática das histórias e culturas negras. Eram autores brancos. Eu sequer pensava sobre racismo, quando os lia. Depois passei a frequentar a Biblioteca Central do Estado da Bahia e li várias prateleiras de literatura brasileira. Gratidão eterna às bibliotecárias da Central por não terem me cancelado, por conta dos atrasos nas devoluções.

Cursei um famigerado curso técnico de administração no ensino médio. Não havia muitas alternativas para quem estava na rede pública. Foi na escola Luiz Tarquínio. Eu detestava o curso cujo melhores alunos se tornavam bancários. Não tinha literatura no currículo, me tornei uma aluna medíocre. O único professor digno de lembrança se chamava Diogo. Ele ensinava noções de direito. Era um cara das Humanas. No terceiro ano ele entrou na sala quando estávamos todos eufóricos com a tal festa de formatura do ensino médio. Indignado, ele nos disse que não íamos nos formar em nada, aquilo era uma farsa. No máximo, ironizou, seríamos operários nas fábricas da redondeza. Ele foi direto ao ponto e me atingiu: Os futuros patrões estavam estudando para passar no vestibular. Fiquei chocada. Eu nem sabia o que era vestibular e universidade. Foi ele quem me explicou, ao modo dele, o que era luta de classes.

## FORJAS E ESCOLHAS

### Como foi a escolha pela História? O que te motivava e evocava na graduação?

Não fiz História como primeira opção. Eu queria fazer psicologia. Eu achava que psicologia social era uma forma de entender os enfrentamentos coletivos. Estava enganada, em muitos aspectos. Eu jamais teria como entrar num curso de psicologia, vindo de uma escola pública. E, obviamente, psicologia social não é uma mistura entre



história, sociologia e mitologia, como eu pensava. Não consegui ingressar na graduação da UFBA nem na terceira opção de curso, nem na quarta lista. Não existiam as cotas. O que me restou foi o curso noturno de História na Universidade Católica (UCSal), financiado pelo crédito educativo. Dívida injusta cinicamente celebrada com vitória. Àquela altura, o curso era sofrível; os alunos eram excelentes. Todos os bons livros que li foram indicados por amigos e colegas da universidade. Aprendi mais sobre História no movimento estudantil, no pátio, congressos, na mesa de bar do que na sala de aula. Fui militante estudantil, graças a Marx, Che Guevara, Rosa Luxemburgo, o PT e o movimento sandinista, por mais estranho que isso possa parecer. Como vê, o curso da graduação só me deu o diploma. Mera formalidade. Foi o ambiente universitário que me formou. E isso foi ótimo.

### RÉGUAS, COMPROMISSOS E COMPASSOS

**Sua graduação nos anos 90 e os seguintes foi também um momento de efervescência. Como isso te mobilizava em termos intelectuais? Quais os livros, abordagens, autores?**

O que me fazia pensar sobre racismo era o desfile dos *Negões*, bloco carnavalesco criado na década de 1980, os encontros com os amigos na biblioteca central e os recitais dos Poetas na Praça da Piedade, em Salvador. Mais uma vez, era a rua, os círculos da intelectualidade pobre e a literatura que me moviam para pensar sobre desigualdades. Quando comecei a ouvir as palestras de Luiza Bairros e ler os panfletos do MNU é que comecei a entender a relação entre raça e classe. Como integrante do diretório acadêmico de História e do DCE ouvimos alguns militantes do MNU, como Jonatas Conceição e Luiz Alberto, aos sábados pela manhã. Gênero era uma categoria ainda pouco articulada nos ambientes onde eu estava, embora Luiza Bairros já falasse sobre a condição das mulheres negras nas décadas de 1980 e 1990. Talvez eu não tivesse maturidade para entendê-la.

Em termos de abordagens acadêmicas, eu li Celso Furtado, Florestan Fernandes e Sérgio Buarque de Holanda, mas também fiquei encantada com toda a onda advinda na sequência da *História dos Annales*. Fui e ainda sou muito influenciada pelos trabalhos da Natalie Davis. *Culturas do Povo ainda* é um dos meus livros de prediletos.



## NORTE E SUL DA (DE) HISTÓRIAS

### Como foi a sua entrada na pós-graduação e escolha de temas para estudo?

João Reis e Ubiratan Castro estavam na banca de seleção do mestrado. Tremi. O meu projeto era sobre a festa de comemorações da independência na Bahia, nas primeiras décadas da República. Mais uma vez, a rua ordenando minha inquietação. Sempre vi a festa do Dois de Julho (celebra na Bahia a independência de Portugal em 1822-23) com muita curiosidade. Como eu tinha sido auxiliar de pesquisa de Alberto Heráclito, que já era aluno do mestrado, eu tinha alguma experiência no arquivo. Foi o que me salvou na entrevista da seleção. Fui orientada pelo professor Ubiratan Castro por um ano, depois disso passei a ser orientada por João Reis e a participar do grupo de pesquisa *Escravidão e Invenção da Liberdade*, até hoje um dos mais bem articulados e longevos do país. O grupo de pesquisa reunia, e ainda reúne, historiadores de temáticas negras de outras universidades, por isso lá também estavam Lucilene Reginaldo, Lisa Castilho, Nicolau Parés, Iacy Mata Maia, só para citar alguns. Fiz excelentes disciplinas com Antônio Sérgio Guimarães, Lígia Bellini e Maria Inês Cortes de Oliveira. Eles foram fundamentais para ancorar a minha pesquisa em termos teóricos e empíricos.

## REFERÊNCIAS INTELLECTUAIS

**Você fez mestrado na UFBA, tendo contato com uma importante geração de pesquisadores referências como João Reis, Inês Oliveira, Ubiratan Castro (Bira) Araújo e outros. Como foram tais experiências?**

Eram pesquisadores que estavam colaborando decisivamente, cada qual ao seu modo, para a renovação das abordagens sobre o escravismo no Brasil. As pesquisas deles foram - e continuam a ser - fundamentais para a história da escravidão que se sustenta em dados empíricos, na atenção aos modos de viver, pensar, resistir e subverter dos africanos e seus descendentes. Formada por eles, aprendi o que era história social nos arquivos, lidando com as fontes e sem negligenciar a bibliografia.



Hoje noto como aspectos mais subjetivos no meio acadêmico foram decisivos para minha formação na pós-graduação. A proximidade na orientação, a escuta generosa daquela geração de professores aos interesses dos discentes e a crítica honesta eram possíveis num programa fora do ambiente competitivo das universidades já consagradas. João Reis me ensinou a usar a crase corrigindo com a sua implacável caneta verde meus manuscritos.

No mestrado na UFBA tive a chance de ser ouvida, criticada, corrigida e incentivada a ser uma profissional apta a ocupar posições na academia. Mas não fui ensinada a ser, nem a ter discípulos. Enveredar por um tema novo de pesquisa era mais estimulado do que ficar girando em torno das teses dos professores. Ao mesmo tempo, vários outros excelentes pesquisadores negros também estavam sendo formados no PPGH-UFBA: Alberto Heráclito, Onildo Davi, Walter Fraga, Isabel Reis, Jailton Brito... só para citar alguns. Eu não era exceção e isto estimulava um ambiente colaborativo. Tenho muito orgulho, e grande alívio, por ter meus textos criticados por quem conhecia os contextos que eu pesquisava, compartilhar fontes, ler os colegas e ir atrás das referências que eles indicam. Espero que os meus alunos e alunas também se poupem das disputas estéreis e doentias.

### **EMBARQUES E DESEMBARQUES**

**Com uma dissertação muito interessante e publicada você resolveu deixar a UFBA e fazer o seu Doutorado na Unicamp. Fale um pouco sobre tais escolhas.**

O grupo de pesquisa *Escravidão e Invenção da Liberdade* -UFBA, coordenado por João Reis, e o CECULT - UNICAMP já tinham uma proximidade quando ingressei na pós, graças a filiação em comum à História Social inglesa. Ao mesmo tempo no programa da UNICAMP eu tinha mais chance de ter bolsa do que o da UFBA, que era mais recente. Foi uma boa decisão ir para a UNICAMP. Hoje acho excelente que o PPGH-UFBA seja referência, na historiografia nacional e internacional, para as pesquisas sobre escravidão e pós-abolição e a nossa relação com a UNICAMP seja de parceria.

Escrevi a tese enquanto o debate sobre as cotas preenchia as manchetes dos jornais e marcava antagonismos nos departamentos dos cursos da área de Ciências Humanas em todo país. Na UNICAMP tive acesso à bibliografia mais atualizada sobre raça e racismo.

Fui aluna de Sílvia Lara, Robert Slenes, Michael Hall e orientada por Clementina Pereira Cunha. O Cecult fazia uma espécie de orientação coletiva, o que me deu a oportunidade de discutir minha tese com outros professores como o Sidney Chalhou. A maioria dos colegas já era da UNICAMP, em geral, brancos. Era um universo muito distinto e bastante interessante. Fiz amigos e pesquisa. E como o estranhamento também pode ser um aliado, estabeleci lá vínculos afetivos e profissionais dos quais me nutro até hoje.

## **PASSEANDO E DEFININDO OS CAMPOS: A PÓS-EMANCIPAÇÃO**

### **Como você analisa a constituição do campo historiográfico da pós-emancipação?**

Esse é hoje um dos campos mais promissores da historiografia contemporânea. O GT *Emancipações e Pós Abolição*, criado em 2013, tem tido um número crescente de trabalhos inscritos. No encontro da ANPUH, em 2019, foram mais de trinta pesquisas apresentadas, na maioria por mestrandos (as) e doutorandos (as). São trabalhos que articulam passado escravista, relações de trabalho, racismo, desigualdades de gênero, relações de poder, Estado, educação, religiosidades, lutas por direitos e cidadania.... Enfim, entrelaçam várias dimensões da experiência humana centrando a atenção na condição sócio racial dos sujeitos, quer sejam, africanos, crioulos, negros, pretos, brancos ou mulatos.

Na minha opinião, o principal desdobramento do crescimento do campo é o transbordamento das suas preocupações de pesquisas para fora do GT. Nossas pesquisas têm sinalizado para a vitalidade do passado escravista, o caráter estruturante do racismo e a relevância da condição de cor e/raça dos sujeitos abordados pela historiografia, qualquer que seja a temática abordada. As pesquisas realizadas no campo do pós-abolição evidenciam que urbanismo, saúde pública, políticas culturais, artes, educação, partidos políticos, festividades e práticas jurídicas, dentre tantos outros temas, não podem prescindir da análise dos marcadores raciais, como já se disse sobre os de gênero e classe que atravessam, se sobrepõem e constituem as sociabilidades no Brasil.

## **HISTORIOGRAFIA E HISTORIADORAS NEGRAS**



**Há uma importante geração de historiadoras negras – intelectuais importantíssimas – no cenário acadêmico brasileiro atualmente. Como você avalia o contexto atual e a inserção de uma historiografia potente sendo produzida por intelectuais negras e negros? Quais os desafios, armadilhas, dilemas e questões centrais?**

Sim e isto é muito bom. Amplifica-se a importância das mulheres negras na construção do saber científico. Não se trata de concessão da historiografia e sim de urgência política e acadêmica capaz de dinamizar a nossa área. Acho que a partilha da experiência negra no Brasil nos leva a apresentarmos narrativas construídas a partir de preocupações temáticas e políticas que eram inéditas na historiografia brasileira. Contudo, o fato de termos sido constituídas como intelectuais numa sociedade racista não pode diluir nossa subjetividade. A categoria *intelectuais-negras* só existe porque o racismo existe. Se não fossem identificadas a partir do “acidente de cor”, seríamos lidas a partir das abordagens teóricas-metodológicas, da qualidade e distinções das narrativas, da construção do objeto, como costuma ser em relação às intelectuais brancas. Isto acontece porque negras são racializadas, vistas como parte de um conjunto, quase como continuidades ou réplicas umas das outras, já brancas não; são intelectuais com a singularidade posta em primeiro plano.

Lutar contra o racismo e se definir como negra não pode significar anular nossa humanidade, que é sempre única. Frantz Fanon analisou isso há muito. Chimamanda Adiche também aborda esta face do racismo nos livros dela. Ainda assim, existem modelos de como deve ser uma intelectual negra, o que devemos pesquisar, como devemos nos vestir, expressar religiosidade, como quem se relacionar, como devemos existir. É outra maneira de limitar a liberdade de quem luta por ela.

Por isso, embora algumas pessoas se incomodem, acho muito positivo os debates, divergências e contrapontos estabelecidos por e entre autores e autoras negras com perspectivas distintas. Lidar com as diferenças também é aspiração por igualdade. Acho uma armadilha a pretensão de fincarmos uma narrativa hegemônica e consensual. A nossa produção diversifica, polariza, potencializa e qualifica, mas há outras leituras, que podem ser dissonantes da nossa. No mais, são bem-vindas as divergências respeitadas e as análises bem fundamentadas. Ver intelectuais negras e negros como um bloco singular, homogêneo é replicar o racismo. Somos pessoas com histórias de vida, formação teórica-metodológicas e curiosidades científicas plurais.

## DEBATES PÚBLICOS, FORMAÇÃO E SENTIDOS HISTÓRICOS

### Como você avalia o seu papel acadêmico e intelectual – numa universidade pública – na formação de professores e pesquisadores?

Estou presidindo a comissão de heteroidentificação complementar à autodeclaração daqueles que ingressam na UFBA pelas cotas. Antes da pandemia, recepcionar os alunos e alunas que assim se declaram era emocionante. Via nos olhos deles o que significa estar ali e me ver recepcionando-os. Também sei o quanto é impactante para os alunos e alunas ter uma professora negra no departamento e na pós. Noto como são construídas projeções profissionais, a partir da minha presença num corpo docente quase que exclusivamente branco.

Quando penso sobre meu papel na UFBA e na historiografia tenho sentimentos ambíguos. Por um lado, como espero já ter explicado aqui, me sinto chamada a ser mais responsável porque o que faço academicamente é referência para alunos e alunas. Por outro lado, me preocupa porque, como disse antes, percebo uma demanda pela construção do “caso exemplar” a ser seguido, contudo cada um de nós é o resultado de circunstâncias específicas, históricas e, principalmente, de estratégias coletivas.

Algo que ouço muito dos alunos e alunas é: “não posso decepcionar quem aposta em mim”. Isso é muito pesado para se carregar ao longo da trajetória acadêmica. Tento, de várias maneiras, demonstrar que não devemos nada a ninguém nem pelo o que fizemos, nem pelo que deixamos de fazer na caminhada. A sensação de dívida é constitutiva da condição racial no Brasil. E, às vezes, a dívida é uma autoimposição. Eles querem ser um caso de sucesso, exigem de si mesmos alguma excepcionalidade mesmo sendo muito competentes e talentosos. Parece que sentem como se nunca estivessem à altura do ambiente acadêmico e isto é outra faceta do racismo. Essa construção ilusória e inacessível da mitologia negra neoliberal. Reconhecer apoios, parcerias, solidariedade é outra coisa. Isto não pesa.

Talvez a gente devesse começar a falar sobre os nossos fracassos, sobre projetos mal sucedidos, artigos engavetados, livros que ficaram pelo caminho para que os nossos discentes percebam que somos trabalhadores e trabalhadoras e não divas, reis e rainhas. Não estou estimulando a excessiva auto indulgência, que também acho detestável, mas



reivindicando para os nossos unicamente a frágil condição humana. A juventude negra precisa se livrar tanto da posição de inadimplentes quanto àquela de aspirantes ao estrelato imaginário, sob pena do sofrimento individual e da ausência de projeto político coletivo e rebelde.

Também por isso, não me interessa ser desumanizada em nome de um lugar mitificado, tão pouco pretendo colaborar para que jovens negros e negras procurem corresponder a um modelo para serem aceitos. O que me importa são os planos coletivos.

### PLANOS E METAS

#### **Fale um pouco dos seus projetos acadêmicos e intelectuais atuais.**

Bom, eu acabo de terminar um livro em coautoria com minha colega Gabriela Sampaio. É um e-book que vai ser publicado pela Editora da UNICAMP, numa coleção coordenada por Maria Clementina e Sílvia Lara. Estou muito orgulhosa por esse livro que deve se chamar *De que lado você samba*. Nele abordamos racismo, ciência, política, religiosidades e carnavais na Bahia, entre 1888-1905. É sobre o pós-abolição, a república governada pelos médicos abrigados, ao mesmo tempo, na luta abolicionista e nas teorias do racismo científico. É sobre ação coletiva e individual de gente negra num cenário político-partidário que lhes é tão novo quanto refratário. Naquele contexto, carnavais, expedições científicas, comícios e demonstrações de religiosidades foram desenhando a lógica racializada de poder no pós-abolição e primeiros anos da República.

Agora os projetos são de pesquisa e leitura. Quero ter tempo para ler a biografia do Trevor Noah; *Torto Arado* do Itamar Vieira; *Céus e Terrado* Franklin Carvalho e o livro novo da Lígia Ferreira que reúne as crônicas de Luiz Gama e reler Emília Viotti da Costa. Se conseguir ler tudo isso ao longo de 2021, além de aulas, pareceres, lives, orientação na pós e pareceres, já fico feliz. Eis o meu projeto.

*Recebido em: 01/02/2021*

*Aprovado em: 15/02/2021*